

DOUTORAMENTOS *Honoris Causa*

DA ESCRITORA

AGUSTINA BESSA-LUÍS

DO POETA

EUGÉNIO DE ANDRADE



HC

FLUP

DOUTORAMENTOS *Honoris Causa*

DA ESCRITORA

AGUSTINA BESSA-LUÍS

DO POETA

EUGÉNIO DE ANDRADE



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO



Doutoramentos *Honoris Causa* no Dia da Universidade

A UNIVERSIDADE DO PORTO

A Universidade do Porto foi fundada pelo decreto de 22 de Março de 1911, emanado do Governo Provisório da República. Se bem que seja possível apontar como as suas antecessoras mais remotas a Aula de Náutica, estabelecida por D. José I em 1762, e a Aula de Debuxo e Desenho, criada por D. Maria I em 1779 — ambas resultado de solicitações dos comerciantes portuenses —, a Universidade vai basear-se fundamentalmente sobre instituições de ensino superior criadas no séc. XIX: a Academia Politécnica e a Escola Médico-Cirúrgica.

A Academia Politécnica tinha como fim principal o ensino das ciências industriais e formava engenheiros de todas as classes, além de outras especialidades profissionais como oficiais de marinha, pilotos, comerciantes, agricultores, directores de fábricas e artistas. Herdeira da Academia Real da Marinha e Comércio do Porto, criada em 1803 pelo Príncipe-Regente D. João (futuro D. João VI), surgiu em resultado da reforma de Passos Manuel, ministro do Reino no Governo saído da revolução de Setembro. No âmbito desta reforma, o nome da Academia Real é alterado para Academia Politécnica em 1837, sendo adoptadas as anteriores disposições estatutárias. Contudo, o governo económico e literário da Academia, até ali sob a inspecção da Junta da Administração da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, é transferido para o Conselho dos Lentes. Não obstante as grandes dificuldades financeiras por que passou, a Academia Politécnica do Porto conheceu uma época de apogeu científico, com cientistas eminentes como Gomes Teixeira e Ferreira da Silva.

A Escola Médico-Cirúrgica do Porto também é resultado da reforma de Passos Manuel: em 1836, sucede-se à Real Escola de Cirurgia, uma instituição criada em 1825 por D. João VI, e que funcionava em ligação com o Hospital da Misericórdia do Porto. Em 1837, é estabelecido um novo plano geral de estudos, que, além de alargar o número de cadeiras, as dividia em cadeiras médicas e cadeiras cirúrgicas. A Escola Médico-Cirúrgica tinha o seu assento no Hospital de

Santo António, anexando uma Escola de Farmácia que compreendia cursos teóricos e cursos práticos; conheceu também mestres de grande nomeada, como Roberto Frias, Aires de Gouveia, Eduardo Pimenta, etc.

A implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, provocou importantes modificações no campo do ensino, nomeadamente a criação de duas universidades, a de Lisboa e a do Porto. Pelo decreto de 19 de Abril de 1911, a Universidade do Porto ficou assim constituída: uma Faculdade de Ciências Matemáticas, Físico-Químicas e Histórico-Naturais, uma Faculdade de Medicina com uma Escola de Farmácia anexa e ainda uma Faculdade de Comércio. Esta última, porém, nunca chegou a concretizar-se. A Faculdade de Ciências anexava uma Escola de Engenharia.

A Universidade do Porto foi inaugurada a 16 de Julho de 1911 e, nesse mesmo dia, foi eleito o primeiro Reitor, o matemático Gomes Teixeira. A partir de agora é confiado à Universidade o seu próprio governo económico e científico. Também a autonomia do ensino é reconhecida. O governo da Universidade pertence aos corpos Académicos: Senado, Assembleia Geral dos Professores, Conselhos das Faculdades e Escolas e aos seus Delegados efectivos — Director e Reitor.

Com o tempo, as escolas anexas foram adquirindo autonomia. A Escola de Engenharia transforma-se em Faculdade Técnica em 1915 e assume a designação de Faculdade de Engenharia em 1926. A Escola de Farmácia obtém o estatuto de Faculdade em 1921.

Em 1919 foi criada no Porto uma Faculdade de Letras pelo Ministro Leonardo Coimbra. Teve vida efêmera. Por razões alegadamente de ordem financeira (que escondiam motivações políticas), foi suprimida em 1928. Só em 1961 será criada no Porto uma nova Faculdade de Letras. Entretanto, em 1953, surgira uma Faculdade de Economia, tendo como objectivo o ensino e a cultura das ciências económicas.

A Universidade do Porto conheceu uma grande expansão com a revolução de Abril de 1974. Às seis faculdades existentes juntaram-se, como criação de raiz ou escolas integradas, as seguintes: Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar (1975), Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física (1975), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação (1977), Faculdade de Arquitectura (1979), Faculdade de Medicina Dentária (1989), Faculdade de Ciências da Nutrição e Alimentação (1992), Faculdade de Belas Artes (1992) e Faculdade de Direito (1994). Hoje, a Universidade do Porto conta com catorze faculdades e uma escola de pós-graduação, a Escola de Gestão do Porto (2000).

A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A Faculdade de Letras da Universidade do Porto é uma escola de ensino superior universitário vocacionada para o ensino, para a investigação e para a criação cultural nas áreas das ciências sociais e humanas, da filosofia, das línguas e literaturas. Desenvolve esta actividade num espírito público e em ordem a contribuir para o desenvolvimento científico, cultural, social e económico de Portugal, das comunidades de raiz portuguesa disseminadas pelo mundo, dos países de língua oficial portuguesa e da Europa.

Criada pelo artigo 11º da Lei nº 861, de 27 de Agosto de 1919, pelo Ministro Leonardo Coimbra, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto formou 167 licenciados nos cursos de *Filologia Clássica*, *Filologia Românica*, *Filologia Germânica*, *Ciências Históricas e Geográficas* e *Filosofia* até ao seu encerramento pelo Decreto nº 15.365, de 12 de Abril de 1928.

Por esta escola passaram notáveis professores e estudantes que se distinguiram nos domínios do saber, da cultura e da vida cívica. Entre eles, o filósofo Leonardo Coimbra, seu primeiro director e personalidade da estatura de Newton de Macedo, Damião Peres, Aarão Lacerda, Francisco Torrinha, Hernâni Cidade, Teixeira Rêgo, Luís Cardim, Delfim Santos, Salgado Júnior, Torquato Sousa Soares, Agostinho da Silva, José Marinho, entre outros.

Reaberta em 1961 pelo Decreto nº 43.864, de 17 de Agosto, inicia as suas aulas no ano lectivo de 1962/63, com duas licenciaturas – *História e Filosofia* e o curso de *Ciências Pedagógicas* (este último de efêmera duração) –, a que se juntaram depois, por exigência da Universidade e da Comunidade, *Filologia Românica* (1968), *Filologia Germânica* (1972), *Geografia* (1972), *Sociologia* (1985) e *Estudos Europeus* (1996). Em 1977, as Filologias darão lugar ao curso de *Línguas e Literaturas Modernas*, com diversas variantes, ao passo que, em 1980 são criadas, na licenciatura de *História*, as variantes de *Arqueologia* e de *História da Arte*, transformadas em licenciaturas autónomas desde 1999. Em 2000 surge a licenciatura de *Jornalismo e Ciências da Comunicação* e em 2001 a licenciatura de *Ciência da Informação*. O ensino pós-graduado inicia-se a partir de

1982, tendo até à presente data sido abertos 27 cursos de pós-graduação em todos os domínios científicos da Faculdade. A alteração dos Estatutos da FLUP, publicados no *Diário da República*, II série, nº 103, de 4 de Maio de 2000, consagrou a organização departamental da Faculdade, tendo sido criados os Departamentos de Ciências e Técnicas do Património, de Estudos Anglo-Americanos, de Estudos Germanísticos, de Estudos Portugueses e Estudos Românicos, de Filosofia, de Geografia, de História, de Sociologia, e ainda a Secção Autónoma de Educação e a Secção Autónoma de Jornalismo.

Com perto de 4000 alunos (distribuídos por 29 cursos de licenciatura), 285 professores e 130 funcionários, a Faculdade de Letras da Universidade do Porto desenvolve uma intensa actividade de ensino e investigação, sendo esta última traduzida não só no permanente labor dos seus Departamentos, Centros e Unidades de Investigação, mas também na qualificação dos seus docentes. Antigos alunos da escola predominam no seu actual quadro docente, ocupando ainda lugares de destaque em ramos diversos da vida pública e activa. A Associação de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, forte estrutura associativa, tem constituído um permanente elemento dinamizador das actividades académicas.

A Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, integrada nos Serviços de Documentação e Informação, é, hoje, uma estrutura de apoio imprescindível ao ensino e à investigação que se desenvolvem dentro e fora da escola. Com perto de 300.000 títulos de monografias e de publicações periódicas, a Biblioteca Central tem vindo a apostar na diversificação dos seus recursos, sobretudo no que diz respeito aos novos suportes, como o CD-ROM, à assinatura de bases de dados em texto integral na Internet e às novas tecnologias.

No seu âmbito funciona também o Serviço de Apoio ao Estudante Deficiente da Universidade do Porto que tem como objectivo principal criar condições de igualdade entre os alunos portadores de deficiência e normais, com incidência especial nos estudantes deficientes visuais, pelo que se tem dedicado à recolha, produção e tratamento de documentos especiais que organiza e divulga, tendo vindo substancialmente a crescer o número de títulos que fazem parte da Biblioteca Braille, da Biblioteca Sonora e da Biblioteca Digital.

A Faculdade edita a Revista da Faculdade de Letras nas séries de História, Filosofia, Línguas e Literaturas, Geografia, Sociologia, Ciências e Técnicas do Património e vários outros títulos periódicos e colecções temáticas. Fazem parte das tarefas efectivas da Faculdade a publicação dos trabalhos de investigação dos seus docentes, a realização de encontros científicos, cursos de doutoramento, mestrados, pós-graduação e cursos para estrangeiros, para além de intervenções de serviço à comunidade e de contactos regulares com instituições congéneres nacionais, comunitárias, dos PALOP e de outros países.





Acto de Doutoramento *Honoris Causa*

da Escritora

AGUSTINA BESSA-LUÍS

na Faculdade de Ciências da

Universidade do Porto em 22 de Março de 2005



A nova Doutora *Honoris Causa*

CURRICULUM VITAE

Nascida em Vila Meã (Amarante) em 15 de Outubro de 1922, Agustina Bessa-Luís não passou por nenhuma Universidade, mas desde muito jovem se viu “tiranizada”, como ela própria declarou, pela paixão da leitura e da escrita. Tendo feito a sua estreia literária em 1948, os seus primeiros livros logo chamaram a atenção e os elogios de escritores já então consagrados como Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Teixeira de Pascoaes e Vitorino Nemésio. E ao longo de várias décadas não se desviou “um passo” da sua paixão ou das suas responsabilidades de escritora.

Hoje a sua produção literária impressiona não só pela qualidade mas também pela quantidade e diversidade de géneros: quase quatro dezenas de romances, alguns dos quais bem extensos, 6 obras de teatro, 5 biografias, 3 conjuntos de contos, diálogos, memórias, crónicas, notas, comentários, ensaios, artigos, aforismos, autobiografia. Nesses textos se revela não só o seu muito saber da língua portuguesa, visível desde logo no uso de um vastíssimo léxico erudito e popular, rural e urbano, mas também o fulgor da sua inteligência, que não se conforma com visões ou lugares comuns e que gosta da vertigem e da ginástica ousada dos aforismos ou das sentenças, e ainda o seu muito conhecimento das paixões e dos comportamentos humanos, especialmente dos portugueses, antigos e modernos, célebres (como Santo António, D. Pedro I, o Marquês de Pombal, Francisco Sá Carneiro...) ou anónimos, de vários espaços (de Lisboa à Beira ou à Madeira) mas sobretudo do Norte, onde Agustina sempre quis residir, e que é o cenário exemplar ou privilegiado de uma obra que Eduardo Lourenço considerou como a odisseia da nossa “alma arcaica”.

Agustina tem ganho prémios e distinções do maior prestígio, o que, pelo exposto, não admira; e até aqueles que não aceitam a sua visão do mundo, às vezes irónica, às vezes cínica, às vezes trágica, podem reconhecer que se trata da mais produtiva e complexa personalidade feminina da literatura portuguesa.

Alguns prémios recebidos:

Prémio Eça de Queirós, 1954 (Secretariado Nacional da Informação); Prémio Ricardo Malheiros, 1966 (Academia das Ciências de Lisboa); Prémio Nacional de Novelística, 1967 (Secretariado Nacional da Informação); Prémio Adelaide Ristori, 1975 (Centro Culturale Italiano – Roma); Prémio Ricardo Malheiros, 1977 (Academia das Ciências de Lisboa); Prémio D. Dinis, 1981 (Casa de Mateus); Grande Prémio de Romance e Novela, 1983 (Associação Portuguesa de Escritores); Prémio Internazionale Unione Latina di Letterature Romanze, 1997; Grande Prémio de Romance e Novela, 2001 (Associação Portuguesa de Escritores); Prémio Virgílio Ferreira, 2004 (Universidade de Évora); Prémio Camões, 2004 (Governos de Portugal e Brasil).

Principal Bibliografia:

Mundo Fechado; A Sibila; Os Incuráveis; A Muralha; Ternos Guerreiros; Embaixada a Calígula; O Sermão de Fogo; Os Quatros Rios; A Dança das Espadas; Cação Diante de uma Porta Fechada; Santo António; As Pessoas Felizes; Crónica do Cruzado OSB; As Fúrias; Conversações com Dmitri e Outras Fantasias; Fanny Owen; O Mosteiro; Sebastião José; Os Meninos de Ouro; Um Bicho da Terra; A Monja de Lisboa; A Corte do Norte; Prazer e Glória; Eugénia e Silvina; Vale Abraão; Ordens Menores; O Concerto dos Flamengos; As Terras do Risco; Alegria do Mundo I; Memórias Laurentinas; Um Cão Que Sonha; O Comum dos Mortais; Alegria do Mundo II; A Quinta-Essência; Contemplação Carinhosa da Angústia; Jóia de Família; A Alma dos Ricos; Os Espaços em Branco; Antes do Degelo.

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DA ESCRITORA AGUSTINA BESSA-LUÍS

O Grupo de Metais de Gaia executa Cantatas, de Johann Sebastian Bach.

A Professora Doutora Fátima Marinho profere o elogio da Doutoranda.

O Padrinho da Doutoranda, Professor Doutor Arnaldo Saraiva, apresenta ao Reitor o pedido de atribuição do grau.

Em seguida, o Reitor pronuncia as palavras de imposição do grau.

O Mestre-de-Cerimónias lê o texto do registo do doutoramento no Livro de Registo dos Doutoramentos Honoris Causa pela Universidade do Porto. Seguidamente, o Reitor, a nova Doutora, o Padrinho e a Presidente do Conselho Directivo assinam o Livro de Registo.

O estudante, Tiago Martins Aires, portador das insígnias aproxima-se e o Reitor impõe a insígnia doutoral da Universidade à nova Doutora. A Presidente do Conselho Directivo coloca o anel, símbolo de colegialidade e irmandade com os restantes Doutores, e entrega o Livro, símbolo de sabedoria, e o Diploma.

A nova Doutora faz vénia aos doutores das Faculdades e toma o lugar junto aos seus pares.

O Quinteto de Metais executa *Procession of Nobles*, de Rimsky-Korsakov.

Seguidamente, a Doutora Agustina Bessa-Luís pronuncia o discurso de agradecimento.

Cortejo de saída ao som de *Gaudeamus Igitur*.

Segue-se a sessão de cumprimentos à nova Doutora, na companhia do Reitor, da Presidente do Conselho Directivo e dos Padrinhos.



A Professora Doutora Maria de Fátima Marinho proferindo o elogio da doutoranda



Imposição de Insígnias à nova doutora, pelo Sr. Reitor, Professor Doutor Novais Barbosa



A Presidente do Conselho Directivo, Professora Doutora Maria de Lurdes Fernandes, coloca o anel à nova doutora



Discurso de Agradecimento pronunciado pela nova doutora *Honoris Causa*

DISCURSO DE ELOGIO

PROFERIDO PELA PROFESSORA DOUTORA MARIA DE FÁTIMA MARINHO

Magnífico Reitor da Universidade do Porto

Senhores Vice-Reitores

Senhores Presidentes dos C.D.

Caros Colegas

Minhas senhoras e meus senhores

Agustina Bessa Luís, nascida em Vila Meã, a 15 de Outubro de 1922, não estudou em nenhuma Universidade, mas nem por isso deixou de ler sempre com avidez e de ocupar um lugar de destaque nas letras, sendo uma das romancistas mais férteis de toda a literatura portuguesa. Desde o seu primeiro romance, em 1948, que os críticos conceituados chamaram a atenção para a qualidade dos textos e para a originalidade do tratamento dado às personagens e aos ambientes. O estilo de Agustina é inconfundível, não só pelo modo muito próprio que imprime ao discurso, cheio de máximas, aforismos e sentenças que nos podem deixar desconcertados, mas que obrigam à reflexão, mesmo se para discordar ou relativizar, como também pelo tipo de abordagem dos assuntos que convoca, sejam eles históricos ou do quotidiano. O número dos seus romances, biografias, peças de teatro, contos, memórias, crónicas, ensaios, autobiografia, é extenso, e o número de prémios recebido (Prémio Delfim Guimarães, em 1953, Prémio Eça de Queirós, 1954, Prémio Ricardo Malheiros, 1966 e 1977, Prémio Nacional de Novelística, 1967, Prémio Adelaide Ristori, 1975, Prémio Pen-Clube Português, 1980, Prémio D. Dinis, 1981, Prémio Cidade do Porto, 1982, Grande Prémio de Romance e Novela, 1983, Prémio RDP – Antena 1, 1988, Prémio Associação de Críticos, 1993, Premio Internazionale Unione Latina di Letterature Romanze, 1997, Grande prémio de Romance e Novela, 2001, Prémio Vergílio Ferreira, 2004 e Prémio Camões,

2004) assinalável. Desde cedo que a sua obra foi distinguida de variadíssimas formas, incluindo já um Doutoramento *honoris causa*, pela Universidade Lusíada. Ainda recentemente, em Outubro último, foi homenageada com um colóquio, pela Câmara Municipal do Porto, pela Universidade Católica e pela Faculdade de Letras. Depois de tantos e tão importantes galardões, impunha-se a distinção máxima da Universidade do Porto, doutorando-a *honoris causa*, honrando-se, honrando-a.

Agustina Bessa-Luís não é uma escritora comum, nem os seus textos se podem catalogar em géneros rígidos. As diferenças, por exemplo, que estabelece, entre biografia e romance, são ténues ou inexistentes. Nunca o relato de uma vida prescinde das apreciações subtis, acutilantes e, não raro, perversas, da autora, que só narra opinando, insinuando, tecendo os fios da intriga que confunde ficção e realidade, ignorando a convencional distância entre ambas, na convicção de que a textualização do real já é, inevitavelmente, a visão que sobre ele se tem e não a empírica existência, incapaz de se transformar em discurso. É assim que o romance ganha especial importância na sua produção, na medida em que é através dele que se consegue focalizar a realidade, transfigurando-a e penetrando nos interstícios dos comportamentos, que definem a sociedade. Tal como Camilo Castelo Branco, Agustina poderia escrever esta paradoxal afirmação: «os romances são uma enfiada de mentiras (...)Este romance não é um romance: é um diário de sofrimentos, verídico, autêntico e justificado»¹, deixando o leitor na dúvida, na incerteza da verdade, o que constitui uma das maiores subtilezas inerentes ao universo romanesco. A frequência de apreciações sobre personagens (que tiveram ou não existência real) ou sobre ambientes, apreciações que se afastam consideravelmente das canónicas ou das que a tradição ou o discurso histórico consagraram, legitima a emergência de sentidos novos, que tacitamente põem em causa o saber instituído, introduzindo a vacilação das certezas adquiridas, ao sugerir interpretações diversas, mas aparentemente justificadas e lógicas. Aliás, o grau de convicção que é dado pelos indicadores discursivos, não dá grande margem a hesitações, acabando o leitor menos informado por se convencer de que a leitura de Agustina é a única possível, porque provável, plausível e irrefutável. Os exemplos deste fenómeno multiplicam-se: D. Sebastião não morreu em Alcácer Quibir; D. Pedro casou com Inês de Castro antes de o fazer com Constança Manuel; Carlos o Temerário não morreu na batalha de Nancy; Shakespeare tinha ascendência judia portuguesa; e muitos outros que não vale a pena enumerar.

Começa aqui a vislumbrar-se uma das características da escrita de Agustina, que, usando estes processos, deixa antever uma construção narrativa muito própria e uma concepção de romance

¹ Camilo Castelo Branco, *Mistérios de Lisboa*, Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 10ªed., 1969 [1854], I Vol., p.32.

que entrelaça um enredo, por vezes simples, com um modo discursivo circular, repetitivo, assertivo, dubitativo, contraditório, criador de espaços e tempos heterodoxos, onde se movimentam personagens complexas, ambíguas, carentes de interpretação. A definição que é dada em *O Concerto dos Flamengos* é, talvez, paradigmática: «Mas este livro (...) É, aparentemente, uma recolha de histórias contadas em tom de brincadeira para evitar encarar papéis autênticos de cada um.»². A perspicácia que parece presidir à fuga deliberada, mas fingida, dos «papéis autênticos», isto é, da actuação das personagens, movidas pela perversidade da narradora, justifica que, em *Fanny Owen*, se possa advogar que «Os romances [se] escrevem com doses e doses de dissimulação, com virtudes pestilentas porque supuram do medo humano e não são fruto da coragem, do amor ou do ódio. (...) E ele mentia com as suas heroínas nobilíssimas, os seus capatazes do pecado, com o mundo patarata como natureza para digerir e amar.»³. A mesma ideia está subjacente na fala de uma personagem quando ela diz que «Os romances fazem mal a muita gente, menos aos autores.»⁴, o que pode querer significar, ironicamente, a desestabilização provocada pela alteração dos saberes ou dos modos de equacionar os fenómenos.

A atenção que Agustina dá ao processo de escrita e que a leva a tecer comentários metalinguísticos aos seus próprios romances, favorece uma leitura mais atenta, propícia à descodificação dos meandros do texto e das possíveis implicações interpretativas. Quando se lê, em *A Corte do Norte*, «O epílogo desta história não se há-de escrever nunca.»⁵, ou em *Memórias Laurentinas*, «Este é um romance sem muitas fantasias, históricas ou outras.»⁶, deve-se, simultaneamente, duvidar e aceitar, tendo em conta o jogo implícito com a obra em que a frase está inserida, e com a globalidade da sua produção. O início de *Jóia de Família*, um dos seus mais recentes romances, põe a nu a capacidade de reescrita do eu:

«Não se escreve melhor porque se escreveu muito. Às vezes, vou surpreender nas páginas antigas assinadas pelo meu punho um tom perfeito em que a imaginação ronda como uma madrinha incapaz de envelhecer e de perder a razão. A razão é a mesma, a coberto das longas provações das decepções, da experiência, de tudo.

Mas, se há um progresso na arte de escrever, ele deriva de um solitário voto de castidade talvez. De reduzir a um simples detalhe o coração humano, fora das suas obrigações de palpitações e de vida.

² Agustina Bessa Luís, *O Concerto dos Flamengos*, Lisboa, Guimaráes Ed., 1994, p.16.

³ Agustina Bessa Luís, *Fanny Owen*, Lisboa, Guimaráes Ed., 1988 [1979], pp.67-68.

⁴ Agustina Bessa Luís, *idem*, p.65.

⁵ Agustina Bessa Luís, *A Corte do Norte*, Lisboa, Guimaráes Ed., 1987, p.271.

⁶ Agustina Bessa Luís, *Memórias Laurentinas*, Lisboa, Guimaráes Ed., 1996, p.7.

Sempre me seduziu pôr em causa o mais profundo do sentimento.»⁷

A última frase enfatiza a técnica de Agustina, técnica que oscila sempre entre a afirmação ostensiva da ficção e a exploração do íntimo das personagens que ganham novos significados, quando por elas passa a leitura subversiva da autora. É que a narradora não se limita a sugerir interpretações transgressivas, dá-se ao luxo de entrar em diálogo com elas (como em *Adivinhas de Pedro e Inês*, quando estabelece conversas como D. Branca, com o monge que assistiu aos últimos momentos de D. Pedro ou com o Dr. João das Regras), ou de figurar a sua corporização primária e artificialmente anterior ao tratamento romanescos: «Pensei em Inês, com um certo encanto que depressa se esgotou e perdeu. Muitos anos depois, repentinamente, ocorreu-me tudo aquilo, e Inês corporizou-se na desconhecida de vestido verde»⁸. A liberdade de efabulação que frases deste género propiciam, é, frequentemente, corroborada por expressões que apelam directamente ao leitor (ou ao narratário) e que indiciam a afirmação inequívoca da ficção: «Imagine-se o rei (...)»⁹ ou «Digamos que Pedro entrou desabridamente pelas salas do solar (...)»¹⁰. Mais incisivo ainda é dizer, «escrevo de Pedro o que de Pedro creio»¹¹, marcando a peculiaridade da narração que, repentinamente, se torna parcial e ambígua. A última frase de *As Terras do Risco*, «Mas não devemos acreditar em tudo o que nos dizem»¹², pode ser considerada como paradigma de qualquer narração agustiniana, que prima pela aliança entre o tom deceptivo e o esperado. Quando em *A Corte do Norte*, se lê, «Guilhermina (...) abriu todas as gavetas. Todas, menos uma, era de tom novelesco dizer neste momento»¹³, ou quando em *Memórias Laurentinas e Eugénia e Silvina*, se prevêem as expectativas do leitor e se tenta contorná-las, escrevendo, respectivamente, «Mas não antecipemos. Antecipar é uma maneira de mover as curiosidades, é certo. Mas distrai dos efeitos que se querem obter.»¹⁴, ou «Mas não antecipar é um segredo do romance, no bom estilo hebraico, que é o mestre de todos os estilos»¹⁵ está à vista a perfeita mestria da técnica narrativa, que sabe conjugar o convencional com a originalidade: «Nada melhor para

⁷ Agustina Bessa Luís, *O Princípio da Incerteza - Jóia de Família*, Lisboa, Guimarães Ed., 2001, p.7.

⁸ Agustina Bessa Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, Lisboa, Guimarães Ed., 1983, p.10.

⁹ Agustina Bessa Luís, *O Mosteiro*, Lisboa, Guimarães Ed., 1980, p.315..

¹⁰ Agustina Bessa Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, Lisboa, Guimarães Ed., 1983, p.25.

¹¹ Agustina Bessa Luís, *idem*, p.81.

¹² Agustina Bessa Luís, *As Terras do Risco*, Lisboa, Guimarães Ed., 1994, p.284.

¹³ Agustina Bessa Luís, *A Corte do Norte*, p.261.

¹⁴ Agustina Bessa Luís, *Memórias Laurentinas*, p.13.

¹⁵ Agustina Bessa Luís, *Eugénia e Silvina*, Lisboa, Guimarães Ed., 1989, p.33.

começar uma novela, ou começar a História, do que um herói problemático, com as suas operações de vencer o azar.»¹⁶, escreve Agustina em *A Corte do Norte*.

Com um domínio perfeito dos meandros das intrigas e da forma de os significar, a autora dá-nos uma síntese feliz no capítulo I do seu último romance, *Antes do Degelo*. Introdução ao romance, ela pode ser também introdução à obra e aos seus sentidos:

«Há pequenas impressões finas como um cabelo e que, uma vez desfeitas na nossa mente, não sabemos aonde elas nos podem levar. Hibernam, por assim dizer, nalgum circuito da memória e um dia saltam para fora, como se acabassem de ser recebidos. Só que, por efeito desse período de gestação profunda, alimentada ao calor do sangue e das aquisições da experiência temperada de cálcio e de ferro e de nitratos, elas aparecem já no estado adulto e prontas a procriar. Porque as memórias procriam como se fossem pessoas vivas. Acreditem que sim e passamos ao capítulo seguinte.»¹⁷

E o nosso capítulo seguinte é o da memória, memória do passado, das gentes, das sociedades, dos lugares. Os romances de Agustina são também o relato da memória e sua súbita transfiguração. Porque ela é consciente de que a História, repositório do passado dos homens é falível: «A História é uma ficção controlada. A verdade é coisa muito diferente e jaz encoberta debaixo dos véus da razão prática e da férrea mão da angústia humana.»¹⁸. Por isso, Agustina escreve, em *A Monja de Lisboa*, «O mal dos historiadores é que dispõem cada vez mais de fontes onde colher informações. E de tanto que estudam, turva-se-lhes o entendimento para as coisas possíveis, tanto do corpo como da alma.»¹⁹, significando a inutilidade de qualquer tentativa de seriedade e, até, de cientificidade. Convencida da inevitabilidade da «história fictícia»²⁰, e de que «O que resta daquilo que se amou é a nossa má consciência; e com ela se escreve a História.»²¹, a autora não deixa de, perversamente, insinuar que o discurso histórico é produto da classe média, isto é, de gente sem imaginação, falha de conceitos assentes na problematização dos eventos e das atitudes comportamentais das personalidades envolvidas. Em *O Mosteiro*, equaciona-se essa realidade, chamando-se a atenção para a ausência de atitude reflexiva e, por conseguinte, de cultura: «O que há de terrível na História, quer dizer, falseador, é que ela é feita com a pena da classe média,

¹⁶ Agustina Bessa Luís, *A Corte do Norte*, p.137.

¹⁷ Agustina Bessa Luís, *Antes do Degelo*, Lisboa, Guimarães Ed., 2004, p.13.

¹⁸ Agustina Bessa Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, Lisboa, Guimarães Ed., 1983, p.224.

¹⁹ Agustina Bessa Luís, *A Monja de Lisboa*, Lisboa, Guimarães Ed., 1985, p.9.

²⁰ *Idem*, p.133.

²¹ *Idem*, p.298.

de baixa inspiração e, para mais, grosseiramente moralizante.»²²; «Nunca se viu tragédia na História de Portugal; só acidentes briosos e repentinos, mas não a reflexão deles. Se a cultura se prova na reflexão, então andámos privados dela durante muitos anos.»²³

Esta relativização da História, que, curiosamente, não se afasta das teorizações recentes da pós-modernidade, favorece a specularidade recíproca, dado que a certeza da impossibilidade do conhecimento efectivo do passado e, simultaneamente, a convicção da permanência ou do paralelismo de factos e caracteres, leva a autora a encontrar afinidades surpreendentes entre personagens de épocas distintas. E são vários os romances onde isso se verifica, desde *O Mosteiro*, a *Ordens Menores*, ou *O Concerto dos Flamengos*. Podem parecer desconcertantes a um leitor menos familiarizado com a escrita de Agustina, as identificações propostas, entre as pessoas do quotidiano dos narradores e as personagens históricas. É D. Sebastião que se parece com o primo José Bento, a mãe do rei com Josefina, Luísa (personagem de *O Concerto dos Flamengos*) com Isabel de Portugal, filha de D. João I, casada com Filipe o Bom da Borgonha. Mas as semelhanças não se ficam pela simples enunciação delas, antes interagem numa dinâmica muito própria, que induz o leitor a confundir os destinos de umas e outras, a tirar ilações para o presente de fenómenos do passado, não numa espécie de quadro exemplar, como queriam os românticos, mas na convicção da necessária repetição, favorecida pela emergência de «uma idade em que parece que tudo se conjuga para visitar o passado.»²⁴. Daí que o Portugal pós-revolucionário encontre explicações em épocas recuadas, como em *Crónica do Cruzado Osb.* ou *Ordens Menores*, e que em *O Mosteiro*, se escreva: «Em Portugal de 1578 e em Portugal de 1974 tratava-se de admitir uma frustração histórica, de aprender uma desilusão. Era inelutável a perda, e controlar essa perda foi o ofício dum grupo encerrado numa contradição: a da ilusão e a da evidência.»²⁵

Perante um cenário de desconfiança histórica, ou seja, de relativização de certezas adquiridas, mas discutíveis, não admira que as personagens e os ambientes convocados por Agustina se situem preferencialmente sob a égide do enigma, que se pretende desvendar, mas que só dificilmente permite levantar uma ponta do véu. A existência do enigma que constitui o cerne de romances como *Adivinhas de Pedro e Inês*, *A Corte do Norte*, *As Terras do Risco*, *O Mosteiro*, *A Monja de Lisboa*, *Eugénia e Silvina* ou *Antes do Degelo*, facilita o aparecimento de personagens estranhas cujo comportamento se perde nos meandros do inexplicável: «Quanto às saudades, continua

²² Agustina Bessa Luís, *O Mosteiro*, Lisboa, Guimarães Ed., 1980, p.252.

²³ *Idem*, p.326.

²⁴ Agustina Bessa Luís, *Memórias Laurentinas*, p.288.

²⁵ Agustina Bessa Luís, *O Mosteiro*, p.168.

enigmático o seu sentido, com o que persiste o axioma de que o enigma existe. Se não fosse por isto, eu diria que tudo se descobre, que não há lenço que tape um rosto morto ou vivo, nem peneira que estorve o sol.»²⁶

É a persistência desse enigma que impede o conhecimento efectivo da mente humana e que a leva, em *Memórias Laurentinas*, a escrever que «Toda a gente sabe pouco, uns dos outros.»²⁷, proporcionando o aparecimento de duplos complexos que dificultam a linearidade da leitura, mas ajudam, indirectamente, a estabelecer significados ocultos, mas preciosos para a análise. É o caso de *Adivinhas de Pedro e Inês*, *Antes do Degelo*, *O Comum dos Mortais*, *Eugénia e Silvina* ou *A Corte do Norte*, onde, implicitamente, se vão delineando os paralelismos necessários à total compreensão dos protagonistas, que só sentimos completos após a compreensão das outras personagens que com eles contracenam e que explicitam o que neles é camuflado ou apenas indiciado. É essa busca dos interstícios em que Agustina sempre insiste que favorece a interpretação dos actos das personagens à luz não só da actuação, mas também das recônditas razões que implicam determinados actos ou pensamentos. Não devemos, assim, estranhar que ela possa sugerir intenções menos canónicas ou que chegue a conclusões desconcertantes como a que, recentemente, escreveu, num texto sobre Sophia de Mello Breyner. Recordando os seus encontros com a poeta, Agustina relata: «Ela dizia que há sempre um pouco de vingança na boa conduta de alguém. Debatíamos isso, ela a tomar chá e a fumar. Eu replicava que não há nada pior do que o fastio de se ser sensato. Era assim que nos entendíamos. (...) Uma coisa era certa. Acabávamos sempre por estar de acordo sobre o marquês [de Pombal]: “Um chato”».

Toda a análise da sociedade ou das personagens se baseia em critérios semelhantes, de conclusões argutas e, não raro, desconcertantes, porque destroem, de certa forma, os conceitos veiculados pelo inconsciente colectivo nacional ou por qualquer moral estabelecida: «A morte de Inês [de Castro] foi um acto que descobriu a personalidade de base do português, de facto menos sentimental do que se julga.»²⁸; «Mas ninguém é bom; e tudo o que sai do coração humano é turbulência da razão e conspirações do corpo.»²⁹

Apesar da particularidade inerente a cada um dos romances, encontramos comentários globais que dão conta do modo como as mudanças ou as circunstâncias são visionadas neste tão rico universo romanesco: «É sabido que quando os privilegiados se fazem camponeses é para reunirem

²⁶ Agustina Bessa Luís, *A Corte do Norte*, Lisboa, Guimarães Ed., 1987, p.273.

²⁷ Agustina Bessa Luís, *Memórias Laurentinas*, p.37.

²⁸ Agustina Bessa Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, p.232.

²⁹ Agustina Bessa Luís, *Eugénia e Silvina*, Lisboa, Guimarães Ed., 1989, p.7.

forças e retomarem os privilégios.»³⁰; «Quando começou a década de sessenta já estava instalado o tipo ansioso e megalómano; a liberdade das pulsões sucedeu à fixação das convicções, e apareceu uma juventude predisposta a afirmações desprovidas de autocrítica»³¹; «O eu demencial tinha-se instalado, e o fundo mental da sociedade humana estava afectado irremediavelmente.»³².

A par destas considerações, que poderemos classificar de universais, há, evidentemente, pequenos comentários a sociedades fechadas, ou mais específicas. Vamos centrar-nos no Porto, cidade preferencial dos seus romances, o Porto onde se desenrola parte de *Antes do Degelo*, de *O Concerto dos Flamengos*, de *Memórias Laurentinas*, e de muitos outros. Se, no início de *Um Bicho da Terra*, a narradora declara que «O Porto, no século XVII, eu não sei como era», acrescentando umas linhas abaixo, que «O Porto é, todavia, uma cidade rara»³³, em *Memórias Laurentinas*, por exemplo, demonstra um conhecimento perfeito da sociedade e do modo de sentir portuenses, ao aliar a ironia à informação pura e simples:

«Poetas e retroseiros cresciam na Rua das Flores como salsa fresca. Havia os líricos, os épicos, os saudosistas e, simplesmente, os que não faziam nada senão dar dores de cabeça ao pai, honesto sirgueiro do Largo de S. Domingos. O Largo de S. Domingos era onde se falava o portuense mais consular, o que não quer dizer o mais castiço. Enquanto na Ribeira a pronúncia era dura e na Bainharia destemida, a partir do largo de S. Domingos até aos Lóios tinha alguma coisa de retrato de família. Se o retrato de família falasse, era como falavam as pessoas dessa área comercial, desde a tipografia à loja de fazendas, passando pela ourivesaria do senhor Alfredo, evidentemente. (...)

Os contemporâneos de Lourenço Guedes, que se davam às musas desde a idade de onze anos, a ocultas do honrado trabalhador do sisal que era o seu pai, eram considerados prejudiciais, como uma espécie de vândalos saídos do parnaso para semear a discórdia nas oficinas e aos balcões onde era preciso espírito forte e coração valente. O dia em que se descobria um poeta na família, não se jantava. A terrina da sopa voltava intacta para a cozinha, a irmã mais nova levantava-se da mesa a soluçar e o poeta só alcançava pena suspensa se fosse, por conversão quase religiosa, também investigador e homem de acção. Assim sobreviveram Garrett e Sousa Viterbo.»³⁴

Na extensa galeria de personagens agustinianas, que não terá interesse aqui analisar, destacamos a figura feminina, não particularizada, mas em geral, nas suas características mais próprias e mais

³⁰ Agustina Bessa Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, p.13.

³¹ Agustina Bessa Luís, *O Mosteiro*, p.130.

³² *Idem*, p.134.

³³ Agustina Bessa Luís, *Um Bicho da Terra*, Lisboa, Guimarães Ed., 1984, p.13.

³⁴ Agustina Bessa Luís, *Memórias Laurentinas*, pp.218-219.

profundas. A autora sabe o silenciamento a que essa figura tem sido votada e uma frase sua de *A Corte do Norte* poderá servir de introdução que, depois, desenvolveremos: «Falar de mulheres é sempre partir do nada. Nada é a sua história, pelo menos na visitação dos seus inquisidores que são os homens em geral.»³⁵

Apesar desta pretendida anulação, os vários romances de Agustina encarregam-se de salientar a importância escondida da mulher, desde os tempos mais recuados, nos sectores fundamentais do quotidiano. A própria guerra é analisada como resultado da estratégia feminina: «A guerra, como estigma histórico, resulta de uma pressão social comandada pelas mulheres e em que predomina a vingança como princípio de castração.»³⁶

A perversidade feminina é uma constante deste universo romanesco que se estrutura sempre na dualidade sexual, que funcionaria como principal motor social: «Se um homem as desconcerta, optando por uma criação em que não participam, elas tornam-se em megeras implacáveis.»³⁷, escreve a autora, em *As Terras do Risco*. Daí que o romance *Adivinhas de Pedro e Inês* termine com uma frase, que é todo um tratado: «Mas julgar mulheres é vão emprego, pois delas tudo são memórias e não culpas.»³⁸. É esta impossibilidade de penetração no universo feminino que leva os narradores ou personagens masculinos a declarar a estranheza em relação a algo que lhes escapa. Se em *O Mosteiro*, já se pode ler que «Saber o que uma mulher pretende na vida é completamente desvantajoso para nós. Aproveitam-se dessa atenção, hospitalar ou científica, e carregam-nos com toda a espécie de censuras e de derrotas.»³⁹, em *As Terras do Risco*, subentende-se a revolta que advém do desconhecimento e da impotência: «São tão ignorantes! Mesmo quando fazem o liceu e um curso superior, ficam ignorantes. Não são capazes de ideologia nem de utopia nenhuma. Quanto a construírem o mundo, limitam-se a limpar-lhe o pó e a fazer constar que isso é uma regra de ouro. Eu não digo que não tenham jeito para governar; mas o que eu digo é que se enchem de complexos de culpa e fazem do governo uma atitude e não um ofício. Não sei como as hei-de tratar.»⁴⁰

A incapacidade masculina traduz-se na agressividade velada, mesmo se há, por vezes, referências a momentos ou a fenómenos de emancipação feminina, como a luta sufragista do início de

³⁵ Agustina Bessa Luís, *A Corte do Norte*, p.20.

³⁶ Agustina Bessa Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, p.20.

³⁷ Agustina Bessa Luís, *As Terras do Risco*, p.23.

³⁸ Agustina Bessa Luís, *Adivinhas de Pedro e Inês*, p.239.

³⁹ Agustina Bessa Luís, *O Mosteiro*, p.296.

⁴⁰ Agustina Bessa Luís, *As Terras do Risco*, p.87.

novecentos (*Memórias Laurentinas*) ou a batalha subterrânea levada a cabo nos conventos quinhentistas: «O convento foi o primeiro posto da mulher emancipada. Ela refugiava-se aí tendo em vista despenalizar a sua condição submetida aos desastres da maternidade e às decepções do casamento de conveniência; assim como às humilhações associadas aos deveres matrimoniais.»⁴¹

O profundo conhecimento das características, das fraquezas ou dos poderes escondidos, leva a autora a significar crua e friamente, o desejo de supremacia, proveniente de humilhações seculares. A sua análise é sempre mordaz, irónica, mas incrivelmente certa. Já em *A Sibila*, publicada em 1954, Agustina se mostrava conhecedora privilegiada do universo feminino: «As mulheres viam-se a braços com toda a responsabilidade, o que não era novo para elas. Com uma sistemática defesa de economia que rasava pela avareza, a sua vida sem gastos, sem extraordinários, conseguiam proezas de orçamento na qual bastaria a presença dum homem fumador ou amigo de seroar para causar o desequilíbrio. Os homens tinham sido sempre fatais para a casa da Vessada.»⁴²; «Ainda que simulem obediência e optar pelo vanguardismo dos costumes, as mulheres são rebarbativas às inovações. No fundo da sua natureza, há um apelo ao primitivo, ao antigo, ao passado, ao já experimentado, e, sob esse aspecto, não há fantasia para elas.»⁴³

É neste tom, entre o satírico e o jocoso, que as mulheres vão sendo referenciadas ao longo da obra. Em *Memórias Laurentinas*, há uma série de pequenas análises que se revelam definições exactas do estatuto da mulher: «Com as mulheres não há oposição, porque não estão situadas na área do poder. Podem ser livres mas não têm poder algum, pois pela sua condição não são invejadas. Nenhum homem dirá: "quero ser uma mulher", mas antes se desgostará deste pensamento.»⁴⁴; «As mulheres – disse o honesto padre Carminé, seu confessor – são como as crianças e os doidos; precisam de ser representadas por tutores e guardas e não podem ser autoras de nada. Mesmo na maternidade não são autoras mas portadoras.»⁴⁵; «Há uma idade em que as mulheres ficam muito sós, não tanto porque se sintam abandonadas do amor do marido, ou até do amante, mas porque perdem a confiança na sua sedução. O primeiro cabelo branco decepciona-as tanto que desejariam ser tão indesejáveis quanto isso lhes dá a liberdade de nada fazer para ser amadas. Não têm ciúmes, têm apenas pouco apreço por si mesmas.»⁴⁶; «Estava

⁴¹ Agustina Bessa Luís, *A Monja de Lisboa*, p.50.

⁴² Agustina Bessa Luís, *A Sibila*, Lisboa, Guimarães Ed., 1954, p.61.

⁴³ *Idem*, p.73.

⁴⁴ Agustina Bessa Luís, *Memórias Laurentinas*, p.77.

⁴⁵ *Idem*, p.80.

⁴⁶ *Idem*, p.201.

convencido de que não é possível afastar as mulheres do luxo enquanto vivam submetidas aos homens, porque a submissão as torna necessitadas de maiores aparatos de sedução. Assim como julgava que, um dia que as mulheres estudassem ciências superiores, haviam de se envergonhar de gostar das coisas efêmeras, como os bailes e os jogos amorosos.»⁴⁷

Num universo de mulheres carentes, perversas, desejosas de mando e de homens carentes, perversos, desejosos de mando, em suma, num universo pleno de difíceis relações humanas, não será de estranhar a intrínseca vontade do crime, ou seja, a sublimação da agressividade num crime horrendo, inexplicado, cujo enigma permanece, porque, ao contrário dos livros policiais, não se destina a ser desvendado, mas a ser explicado de múltiplas formas, apontando para outras tantas soluções. Tal como uma personagem de *Ordens Menores*, muitas das existentes na galeria agustiniana, poderiam dizer: «Também ele, no mais secreto da sua alma divina, desejava às vezes matar um homem.»⁴⁸

E é de morte de homem (ou de mulher) que se trata em romances como *Eugénia e Silvina*, *As Terras do Risco*, *Antes do Degelo*, *Ordens Menores* ou *A Sibila*, porque a morte e o desejo dela são constantes da vida. Podemos, mais uma vez, citá-la, nos últimos parágrafos do seu mais recente romance, quando ela, voluntariamente, se contradiz, pondo o dedo na ferida do problema do verdadeiro, do verosímil e do pura e simplesmente inventado:

«Os personagens deste livro são fictícios e qualquer semelhança deles com figuras reais não passa de mera coincidência. Não serve de nada dizer isto, mas há uma espécie de coincidências que provocam a realidade. Todos os personagens deste livro são reais (...)

Com quem casou Genaro? A curiosidade é a última que morre, como a esperança. Mas não posso responder a isso, se eu o dissesse ninguém acreditava.»⁴⁹

Ninguém acreditava, porque não há lugar para crença no universo romanesco, mas para «olharmos e estarmos de acordo», como diria Alberto Caeiro.

E Agustina Bessa-Luís sabe isso muito bem, de tal forma, que explora com mestria todas as fragilidades da condição humana, dum modo subtil, mas incisivo. O conjunto da sua obra é um marco fundamental na literatura portuguesa e a Universidade do Porto deve sentir-se honrada de lhe conceder o título de Doutora *Honoris Causa*.

⁴⁷ *Idem*, p.236.

⁴⁸ Agustina Bessa Luís, *Ordens Menores*, Lisboa, Guimarães Ed., 1992, p.72.

⁴⁹ Agustina Bessa Luís, *Antes do Degelo*, p.366.

ESCRITORA AGUSTINA BESSA-LUÍS

- *GRATIE AGENDAE POST LAUDATIONEM*

A quem abdica do cerimonial, como se fosse uma diminuição das possibilidades da acção, eu digo que o cerimonial fixa a memória. Nalguma coisa em que se quer imprimir regularidade está em causa uma cultura da qual fazemos história. E a história depende muito do compulsivo factor da memória que, ela própria, estabelece o ritual.

O ritual do *honoris causa* nesta Universidade é-me destinado no dia de hoje. Devo agradecer a distinção que me é oferecida, tanto mais que não há razão suficiente para isso. No meu caso, não há razão suficiente para que este predicado, o do doutoramento, seja atribuído ao sujeito. Não escrevo muito correctamente e, embora ame a língua portuguesa, não me apliquei a ela como devia. A escolha que recaiu sobre o meu nome depende muito de razões parciais, entre as quais enumero a do trabalho numa longa carreira de escritora.

Não é razão que me falte, a do trabalho. O trabalho é um coeficiente de segurança redobrada, nada de negligenciar numa sociedade em que a segurança é assunto das pessoas em geral. O trabalho é o amor de contribuir ao sucesso dum grupo. O seu resultado é colectivo, a sua norma é geral. Discutem-se as condições de trabalho, mas não se definem as suas causas. Não é para melhorar o mundo que se trabalha; é para ter efeito sobre o nosso tempo e conseguir uma resposta justa sobre aquilo em que nos interrogamos. Uma resposta justa delicia-nos como um beijo, diz Goethe. Isto quer dizer que os sentidos não enganam. O trabalho deve ter mais origem nos sentidos, do que na razão; doutro modo, é apenas forma de egoísmo.

Neste local, construído e usado para actos solenes como o de hoje, nós evocamos os nomes que foram tutelares na nossa história de aprendizes e de autores. Aqui se formam homens e mulheres para quem o saber deve ser um património da terra inteira. “Nada mais terrível do que a ignorância activa”, disse um génio, desses que nos animam a ser perfeitos na nossa vulgaridade. A ignorância activa é o que se sobrepõe muitas vezes ao crédito das nossas reais faculdades para

reconhecer nos outros companheiros e não adversários. Hoje em dia, em que não se distingue o ideal do fantástico, eu quero dizer quanto me honra ser aqui chamada a receber o anel do letrado e a dar testemunho duma obra que, sendo imperfeita, é realizada em liberdade de espírito. Liberdade que procede do domínio sobre si mesmo. As coisas belas não são muito claras, e a liberdade é uma delas. Agradeço à Universidade do Porto, na pessoa do seu Magnífico Reitor.

Agradeço à Professora Doutora Fátima Marinho o elogio que tão generosamente me dedicou.

Agradeço a meu Padrinho, Professor Doutor Arnaldo Saraiva, cuja amizade de longos anos se iluminou com este parentesco na cultura da qual muito recebemos e para a qual desejamos contribuir com pensamento, obra e nobre ambição nas artes e no saber.

Muito obrigada aos contemporâneos e amigos conhecidos e desconhecidos, sem os quais a minha obra não existia.

Muito obrigada aos convidados e pessoas presentes que quiseram contribuir para que este dia fosse de alegria para mim.

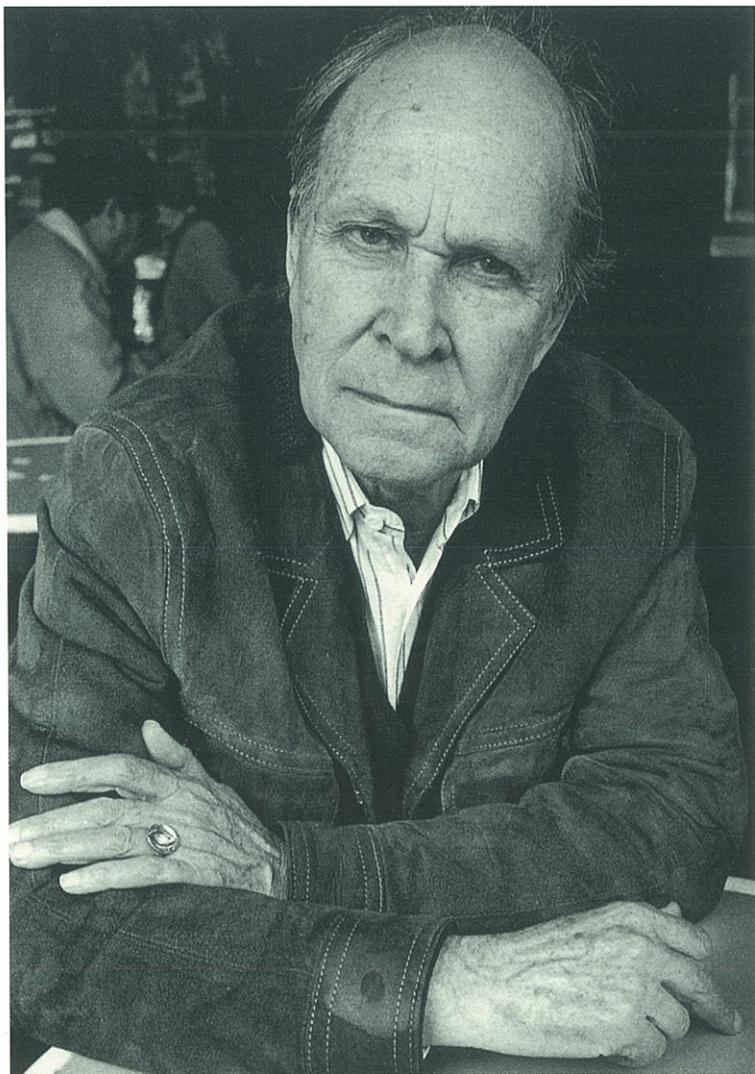




Acto de Doutoramento *Honoris Causa*
do Poeta

EUGÉNIO DE ANDRADE

na Faculdade de Ciências da
Universidade do Porto em 22 de Março de 2005



O novo Doutor *Honoris Causa*

CURRICULUM VITAE

Eugénio de Andrade nasceu em 19 de Janeiro de 1923 em Póvoa de Atalaia (Beira Baixa). Não concluiu o curso secundário, e, findo o serviço militar, tornou-se funcionário de Serviços Médico-Sociais, primeiro em Lisboa e a partir de 1950 no Porto, onde tem vivido. Em 1942 publicou o seu primeiro livro de poemas, *Adolescente*, que, como o segundo, *Pureza*, de 1944, viria a renegar; mas com o terceiro, *As Mãos e os Frutos*, de 1948, mereceu grandes elogios de críticos como Vitorino Nemésio, Jorge de Sena e Eduardo Lourenço, e começou a ser considerado por alguns como um poeta excepcional, um dos mais altos poetas do século XX, o que hoje, quando ele já publicou cerca de três dezenas de livros de poesia, e outros livros de prosa e de tradução, parece consensual.

Não é por acaso que, depois de Pessoa, é ele o poeta português mais traduzido (em quase todas as línguas românicas, incluindo o catalão e o romeno, em inglês, alemão, checo, sueco, mas também em servo-croata, búlgaro, letão, japonês, chinês, etc.), o mais frequentado pela crítica nacional e internacional, e o mais editado e reeditado (*As Mãos e os Frutos* já vai em vinte edições). Além disso, já lhe foram concedidos muitos e muito honrosos prémios nacionais e internacionais, e sabe-se como músicos, pintores, escultores, fotógrafos e outros artistas, especialmente poetas, têm ido à sua obra ou à sua personalidade colher motivos de inspiração.

Poesia pouco ou nada datada, que foi sensível mas não fez concessões a escolásticas modernistas ou pós-modernistas, a poesia de Eugénio de Andrade inscreve-se claramente na tradição lírica portuguesa, pelo verso breve, pelo gosto colonial, pelo tema amoroso, pelo fascínio do concreto, mas afasta-se dela pela recusa do enfático e do decorativo, do sentimentalismo à flor da pele, e dos arroubos saudosistas, patrióticos e religiosos. Situando-se num “aqui e agora” bem humano, elementar e precário ou fugidio, a poesia de Eugénio de Andrade fixa-se em figuras positivas (a Mãe, a Criança, o Pastor, o Criador, o Amante...), celebra o corpo e valoriza os sentidos, estimula

o convívio harmónico com o mundo vegetal e animal, e faz do destinatário ou do leitor um companheiro e um amigo, com quem partilha o gozo e a inquietação de quem vive “rente ao chão” mas quer elevar-se pela criação ou pelo amor à mais alta condição humana, se não divina (o que explica a frequência com que nessa poesia comparecem os mitos cósmicos e solares).

Prémios recebidos:

Prémio da Associação Internacional dos Críticos Literários, 1986; Prémio Dom Dinis da Fundação da Casa de Mateus, 1988; Grande Prémio da Poesia da Associação Portuguesa de Escritores, 1989; Prémio Jean Malrieu, França, 1989; Prémio APCA, Brasil, 1991; Prémio Europeu de Poesia da Comunidade de Varchatz, Jugoslávia, 1996; Prémio Vida Literária da Associação Portuguesa de Escritores, 2000; Prémio Extremadura para a Criação Literária, Espanha, 2000; Prémio da Academia Internacional Mihai Eminescu, Roménia, 2000; Prémio Celso Emílio Ferreira, Espanha, Galiza, 2000; Prémio Camões, 2001.

Principal Bibliografia:

As Mãos e os Frutos; Os Amantes sem Dinheiro; As Palavras Interditas; Até Amanhã; Coração do Dia; Mar de Setembro; Osinato Rigore; Poemas; Obscuro Domínio; Véspera da Água; Escrita da Terra; Homenagens e Outros Epitáfios; Limiar dos Pássaros; Primeiros Poemas; Memória Douro Rio; Poesia e Prosa; Matéria Solar; O Peso da Sombra; Branco no Branco; Vertentes do Olhar; O Outro Nome da Terra; Contra a Obscuridade; Rente ao Dizer; Ofício de Paciência; O Sal da Língua; Pequeno Formato; Os Lugares do Lume; Poemas de Eugénio de Andrade; Poesia; Os Sulcos da Sede; Os Afluentes do Silêncio; Rosto Precário; À Sombra da Memória.

DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DO POETA EUGÉNIO DE ANDRADE

O Grupo de Metais de Gaia executa *Cantatas*, de Johann Sebastian Bach.

A Professora Doutora Maria João Reynaud profere o elogio do Doutorando.

O Padrinho do Doutorando, Professor Doutor Arnaldo Saraiva, apresenta ao Reitor o pedido de atribuição do grau.

Em seguida, o Reitor pronuncia as palavras de imposição do grau.

O Mestre-de-Cerimónias lê o texto do registo do doutoramento no Livro de Registo dos Doutoramentos Honoris Causa pela Universidade do Porto. O Reitor, o Padrinho e a Presidente do Conselho Directivo assinam o Livro de Registo.

A estudante, Sofia Melo Araújo, portadora das insígnias entrega-as ao Reitor, para posteriormente serem oferecidas ao poeta, regressando o Padrinho ao seu lugar.

O Quinteto de Metais executa *Procession of Nobles*, de Rimsky-Korsakov.

O Professor Doutor Arnaldo Saraiva lê os poemas “Espelho”, “Herança” e “Última Canção” indicados pelo Doutor Eugénio de Andrade.

Cortejo de saída ao som de *Gaudeamus Igitur*.



A Professora Doutora Maria João Reynaud proferindo o elogio do doutorando



Entrega das Insígnias pelo Sr. Reitor, Professor Doutor Novais Barbosa, para posterior entrega ao poeta



A Presidente do Conselho Directivo, Professora Doutora Maria de Lurdes Fernandes,
assina o livro de Registo dos Doutoramentos *Honoris Causa*



O Professor Doutor Arnaldo Saraiva lê os poemas “Espelho”, “Herança” e “Última Canção” indicados pelo Doutor Eugénio de Andrade

DISCURSO DE ELOGIO

PROFERIDO PELA PROFESSORA DOUTORA MARIA JOÃO REYNAUD

Magnífico Reitor da Universidade do Porto, Professor Doutor José Novais Barbosa,
Excelentíssimos Senhores Reitores de outras Universidades Portuguesas,
Excelentíssimos Senhores Vice-Reitores e Pró-Reitores,
Excelentíssimos Senhores Presidentes dos Conselhos Directivos,
Ilustres Convidados,
Caros Colegas,
Caros Alunos,
Senhoras e Senhores,

Fazer o elogio de uma das maiores figuras literárias da segunda metade do século XX português, no momento em que esta Universidade se prepara para lhe conceder o Doutoramento *Honoris Causa*, é tarefa que comovidamente aceitei e muito me honra. Cumpro este ritual com o júbilo de pertencer a uma Academia que decidiu acolher no seu seio um poeta nascido na Póvoa de Atalaia, concelho do Fundão, a 19 de Janeiro de 1923, lugar de luz onde aprendeu, como muitas vezes tem dito, as palavras essenciais da sua língua poética, amorosamente declinadas ao longo da vida; e que, por razões de profissão, fixou residência no Porto, há precisamente cinquenta e cinco anos, fazendo sua a cidade de Garrett, que hoje o ama como um filho genuíno.

A homenagem que aqui prestamos a Eugénio de Andrade é a forma mais condigna de lhe testemunharmos publicamente a nossa gratidão por ter contribuído para manter em lugar bem alto o prestígio da poesia portuguesa no mundo, depois da extraordinária repercussão da obra pessoana. O Prémio Camões, recebido em 2001, veio coroar uma série de distinções, recebidas

dentro e fora do País, sendo, entre todas, a que melhor reflecte a universalidade da obra de um poeta já distinguido, no plano cívico, com os mais altos galardões nacionais.

Eugénio de Andrade é, efectivamente, o poeta português vivo mais estudado e traduzido, tendo feito leituras e intervenções em muitas universidades europeias e americanas. A crescente difusão da sua obra levou-o a visitar países de vários continentes. Mas é importante lembrar o enorme entusiasmo com que ela foi, desde cedo, recebida em Espanha, país que lhe é familiar pela nacionalidade da sua avó materna, natural de Valverde del Fresno, e onde estreitou amizade com vários poetas, entre os quais Vicente Aleixandre e Rafael Alberti. O amor que tem pela fraterna Galiza é antigo e conhecido, vindo do tempo em que a voz límpida de Rosalía de Castro lhe entrou no coração, nele gravando os versos talhados na língua “homilde i oscura” que reflecte, de raiz, a alma do seu povo.

A obra eugeniana mereceu alguns dos mais brilhantes ensaios que se escreveram em língua portuguesa nas últimas décadas, à cabeça dos quais coloco os de Óscar Lopes e de Eduardo Lourenço, sem que, recuando no tempo, possa deixar de lembrar os juízos certos e definitivos de um Vitorino Nemésio ou de um Jorge de Sena. E de destacar, entre os nomes de insígnies estudiosos de várias gerações, o de Maria Helena da Rocha Pereira, o de Arnaldo Saraiva, ilustre presidente da Fundação Eugénio de Andrade, e o do poeta Luís Miguel Nava, precocemente desaparecido. Dentre os especialistas estrangeiros, sobressai o poeta Angel Crespo, seu tradutor e antologista, a quem as letras portuguesas tanto ficaram a dever. E recordo, entre os seus amigos já falecidos, o compositor Lopes-Graça, que musicou *As Mãos e os Frutos* e *Mar de Setembro*. Mas quero também realçar a beleza de textos evocativos saídos da pena de uma escritora da sua geração e do seu particular afecto: Maria Agustina, isto é, Agustina Bessa-Luís. Testemunhos recentes de António Ramos Rosa, Júlio Resende, Jorge Pinheiro, Gastão Cruz, Mário Cláudio, António Lobo Antunes, entre tantos outros, vêm confirmar que Eugénio de Andrade é um poeta unanimemente respeitado e admirado. É, além disso, um poeta que encontrou um número impressionante de leitores fiéis – e de todas as idades –, facto que se diria da ordem do milagre.

Narciso, o livro de estreia, editado em 1940, é o único assinado com o seu nome civil: José Fontinhas. Nas capas de *Adolescente* e *Pureza*, colectâneas de poemas respectivamente dadas à estampa em 1942 e 1945, e cujo interesse é hoje sobretudo histórico-literário, já figura o pseudónimo que irá sobrepor-se ao nome, a partir da publicação de *As Mãos e os Frutos*, no longínquo ano de 1948. Desde então, Eugénio, como gosta de ser chamado pelos mais íntimos, publicou cerca de uma trintena de títulos de poesia, que estão na memória de todos nós. *Os Sulcos da Sede*, livro editado em 2001, é o último que deixa nas nossas mãos «como longa despedida», ou como um sereno testamento de luz.

Aos títulos de poesia, somam-se os de livros em prosa, onde Eugénio de Andrade reuniu textos sobre artistas plásticos, como Manuel Ribeiro de Pavia, Júlio Resende, Manuel Cargaleiro, Fernando Lenhas, José Rodrigues, Armando Alves; e comentários sobre autores da sua predilecção, entremeados de evocações e reflexões reveladoras de uma sólida cultura e de um requintado gosto literário. São páginas de uma qualidade estilística ímpar, que fazem dele um incomparável mestre da língua portuguesa e dão testemunho do diálogo fecundo que tem mantido com todas as formas de arte e com os grandes artistas contemporâneos.

Das antologias que cuidadosamente preparou, destaco aquela que dedicou ao Porto e se intitula *Daqui Houve Nome Portugal*, reeditada em 2000. E como não referir a mais recente de todas, *Os Dóceis Animais* (2004)¹, por cuja publicação o poeta, já muito doente, ansiosamente esperou? Para se ter uma ideia da exigência do seu gosto literário, basta ler a *Antologia Pessoal da Poesia Portuguesa*, publicada em 1999: o absoluto rigor dos critérios que subjazem às escolhas feitas confere-lhe a força irrecusável do cânone que há muito nos faltava.

Mas não me posso alongar, porque sei que o poeta desejaria que eu fosse breve, qualidade que ele sempre prezou, ao ponto de enaltecer o “esplendor da concisão” e de fundar a sua poética na *brevitas*. É pois tempo de alternar com ele a palavra, aceitando o repto que nos lança em *Rosto Precário* (1979): «Quem subiria comigo às nascentes do dia, para ali me dar a beber pelas suas mãos toda a água para a minha sede?»². Pelo meu lado, posso asseverar-vos que esse lugar primordial está muito perto da casa onde nasceu e passou parte da infância, na Póvoa de Atalaia. Nos anos noventa, depois de a visitar, registou as suas impressões em belíssimas páginas de *À Sombra da Memória* (1993), que não resisto a citar:

Ao abrir a porta, o sol iluminou o espaço todo; era ainda o mesmo, agora assoalhado [...]; tudo impecavelmente caiado, como então. Sentei-me na cadeira, com receio de tombar: de repente, a uma velocidade vertiginosa, o tempo recuou, e eu, de gatas, aproximava-me da porta a chorar, olhando pelas frinchas a eira cheia de sol: - Ó mãe, mãe! Mas já sabemos que não havia mãe.³

Eis o «espaço luminoso da infância», onde tenta resgatar a dimensão pática do seu ser-no-mundo, zona de irradiação que se tornou o núcleo da sua poesia e onde vibra uma voz longínqua

¹ *Os Dóceis Animais*, Porto, Edições Asa, 12 de Janeiro de 2004.

² *Rosto Precário*, Porto, Limiar, 1979, pp. 43-44.

³ *À Sombra da Memória*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 1993, p. 110.

e feminina: «o meu mundo – diz o poeta – também não era o das letras, mas o dos pássaros e do vento, o das águas e dos amieiros». Era essa a “poesia” que me chegava; mas havia outra, ela vinha na voz de minha mãe, e nos seus intermináveis romances, cuja lembrança me aquece ainda»⁴. A experiência fundante da poesia reporta-se a esse tempo abolido, que é *fons* e *origo* da palavra poética. *Os, oris*, em latim, significa *boca*, órgão da *fala*, e, por extensão, «linguagem, palavra, língua». A raiz da poesia eugeniana é esse «falar materno [...], uma linguagem aprendida lábio a lábio, nessa idade em que o tempo é sem tempo e, portanto, ainda próximo da eternidade»⁵.

Tomando para si o ideal de Mallarmé, para quem a missão do poeta consistia em «dar um som mais puro às palavras da tribo», Eugénio prefere a via da *renúncia* «a alguns sortilégios [...], em troca de um estilo enxuto linear, transparente». *O amor da transparência* – como ele próprio afirma – «é a [sua] fraqueza, mas também a [sua] força». A procura de uma voz mais pura – isto é, «mais próxima das nascentes»⁶ – é o único modo de expressar a fidelidade às suas raízes, que mergulham desde a infância num mundo «claro e despido», onde a poesia se confunde com a música, «como se ambas jorrassem da mesma fonte»⁷, ou desse canto imemorial, próximo do silêncio, onde pulsa o coração do universo.

A obra de Eugénio de Andrade faz parte da substância viva da nossa literatura, não sendo difícil apercebermo-nos de que há um veio inconsútil que liga todos os seus livros: desde *Primeiros Poemas*⁸, onde o poeta recolhe alguns textos de *Adolescente* (1942) e *Pureza* (1945), até ao esplendor de *Os Lugares do Lume* (1998)⁹, onde encontramos cristalizações perfeitas da «equação do ser e do devir», para nos servirmos de uma bela expressão de Gaston Bachelard¹⁰. N’*Os Sulcos da Sede* (2001)¹¹, livro de grande intensidade lírico-dramática, torna-se uma vez mais evidente que a perfeição é consubstancial à poesia de Eugénio de Andrade: não apenas como escopo de uma arte poética que efectivamente atingiu o ponto de equilíbrio milagroso entre a elaboração artística

⁴ *Rosto Precário*, ed. cit., p. 54.

⁵ *À Sombra da Memória*, ed. cit., p. 44.

⁶ *Hablar/Falar de Poesia*, «Eugénio de Andrade». Entrevista com Manuel Hermínio Monteiro, in *Revista Hispano-Portuguesa de Poesia*, n.º 2, 1999, pp. 1 e 6.

⁷ *Rosto Precário*, ed. cit., p. 23.

⁸ Cf. *Poesia*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2000, pp. 9-15.

⁹ *Ibid.*, *Os Lugares do Lume*, pp. 555-577. Cf. «Aprendizagem da Poesia» (p. 558); ou «A Teia» (p. 577).

¹⁰ Cf. Gaston Bachelard, *Dialéctique de la durée*, Paris, PUF, 1972, p. 2.

¹¹ *Os Sulcos da Sede*, Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2001.

e a comunicabilidade da língua materna, a qual é a sua matéria-prima, mas como um resíduo do sagrado onde se oculta a raiz profundíssima de uma língua auroral. A nostalgia dessa língua mítica, que teria originado uma ordem perfeita, tem sido ao longo dos tempos, e por diversos modos, o alimento natural da grande poesia e uma das fontes da sua permanente melancolia. A escrita eugeniana retira deste mito da cultura ocidental a força que lhe permite edificar um universo poético onde a realidade humana, contraditória e precária, adquire o esplendor do que é eterno.¹²

A regra de oiro da sua poesia vem logo enunciada no brevíssimo epigrama que abre *Os Amantes sem Dinheiro*: «Sê paciente; espera / que a palavra amadureça / e se desprenda como um fruto / ao passar o vento que a mereça»¹³. Daí que a sua arte poética possa encontrar uma definição lapidar no título de um dos seus livros mais recentes: *Ofício de Paciência* (1994). Se cada um dos seus versos é o resultado da busca infatigável da perfeição, cada poema comparece como um corpo sonoro e decantado, que triunfa sapientemente da «hesitação prolongada entre o som e o sentido», de que falava Paul Valéry. Cada vez mais centrada na dicção, a poesia eugeniana restitui à lírica a sua primitiva plenitude. É isso que acontece em *Rente ao Dizer* (1992), um dos livros preferidos do poeta, cujos versos são fala límpida, impregnada do ritmo de uma ancestral oralidade. A sua preocupação maior foi, como se lê no remate da «Nota» final, a de «um fazer rente ao dizer»¹⁴. A afirmação é importante, porque a partir dela se pode deduzir uma arte poética. Para Eugénio de Andrade, o poeta é «um artesão», alguém que, «tal como [...] o oleiro com o barro, ou o ferreiro com o ferro», cria com a linguagem, através do *trabalho* e da *paciência*, um objecto capaz de «resistir ao confronto com o mundo»¹⁵. Este sentido artesanal combina-se com o poder de captar a musicalidade da língua, privilegiando nela o que é da ordem da voz. Uma voz que parece estar cada vez mais perto do silêncio da origem; uma voz instada a fundir-se com o canto genuíno da mãe-terra, que guarda em si o segredo da beleza do mundo. Este é também o segredo da poesia ou, talvez antes, o seu mais evidente mistério:

¹² Falando de *Os Amantes sem Dinheiro* (1950), escreveu Vitorino Nemésio: «E não é menos impressionante do que a arte deste poeta, já tão perfeita em anos juvenis, a maneira como sentimos que ele vive a verdade da poesia [...]. O pequeno poema em prosa [...] que abre o livro e o depõe nas mãos da mãe do poeta é um desses nobres documentos da relação entre Poesia e Verdade que Eugénio de Andrade timbra em manter viva e imponente nos limites da sua obra». Cf. Vitorino Nemésio, *Conhecimento de Poesia*, Lisboa, Editorial Verbo, 1970, p. 227.

¹³ Cf. *Poesia*, «Conselho», p. 41.

¹⁴ Cf. *Rente ao Dizer*, «Nota», Porto, Fundação Eugénio de Andrade, 2.^a ed., 1992, p. 71. Cf. *Poesia*, «Notas», p. 583.

¹⁵ Cf. *À Sombra da Memória*, ed. cit., pp. 43 e 44.

Língua; / língua da fala; / língua recebida lábio / a lábio; beijo / ou sílaba; / clara, leve, limpa; / língua / da água, da terra, da cal; / materna casa da alegria / e da mágoa; / dança do sol e do sal; / língua em que escrevo; / ou antes: falo.

(«Língua dos Versos»)¹⁶

Na poesia de Eugénio de Andrade, o cosmos torna-se uma casa habitável, quase familiar, onde os elementos da natureza se harmonizam e onde somos convocados para a beleza das coisas tangíveis. Contudo, nos últimos livros, dá-se uma sensível intensificação do poder referencial da linguagem, o qual se exercita dentro dos limites de uma poética do rigor e da contenção verbal. Nos poemas onde se desenha uma linha nitidamente autobiográfica fala-se, "em estilo amável", do *quotidiano*, do *envelhecimento* e da *morte*. E se esta se confunde com o inexorável apagamento dos sentidos, ou se o poeta decide colocar-se em face do «inominável», nem por isso se exaure o seu apaixonado diálogo com o mundo.

A poesia eugeniana é uma das raras que não é minada pelo ressentimento nem ensombrada por uma insanável tristeza. Nela, o amor pela vida nunca é excessivo e convive sem drama com a ideia da sua inexorável brevidade, retomando a velha lição horaciana: «Contenta-te com ser, hoje / amanhã / outro dia, esta luz breve» («Assim seja»)¹⁷. O seu imaginário permanece fiel a Eros, mesmo quando o poema é atravessado por uma sensação lancinante de perda que nos abala, mas nos devolve à nossa verdade essencial de seres para a morte.

Fazer um balanço do seu «ofício» é, para o poeta, uma espécie de despedida da sua mão. Mão «idêntica à que cortou o feno e acariciou o focinho húmido dos animais»: a mão do pastor, evocada em prosa elegíaca onde há ressonâncias da poesia pastoril de Teócrito¹⁸. Mão cansada, fatigada da poesia: «[...] a mão / que escreve versos / envelheceu. [...] A exigência, / o rigor, acabaram por fatigá-la. / O fim não pode tardar: oxalá / tenha em conta a sua nobreza.» («Os Trabalhos da Mão»)¹⁹. Essa mão rasurante, afeiçoada à exigência de uma arte verbal a que o poeta também chamou *ostinato rigore*, deu-nos uma das obras mais importantes da literatura portuguesa da segunda metade do século XX.

Num belo texto intitulado «L'éloge de la main», escreve Henri Focillon que é através da mão que «o homem toma contacto com a dureza do pensamento. A mão aparta o bloco, impõe-lhe

¹⁶ *Rente ao Dizer*, in *Poesia*, p. 457.

¹⁷ Cf. *Ofício de Paciência*, ed. cit., pp. 488-489.

¹⁸ «Poesia e Memória», in *À Sombra da Memória*, ed. cit., p. 43.

¹⁹ *Ofício de Paciência*, ed. cit., p. 498.

uma forma, um contorno e, na escrita, um estilo»²⁰. A conquista de um estilo é, justamente, o que faz a grandeza de um poeta; o que singulariza a sua palavra, moldada sílaba a sílaba no barro da existência, até que ela atinja o brilho de uma verdade eterna:

**É a noite por fim, podes tocá-la.
Também a mão, a pequena e febril
música da mão, aí está a iluminá-la.
Agora vê-se melhor o caminho.**

(«Como no Início»²¹)

²⁰ Cf. Henri Focillon, *Vie des Formes*, Paris, PUF [1943], 1993, p. 104.

²¹ *Pequeno Formato*, in *Poesia*, p. 550.

POEMAS DE EUGÉNIO DE ANDRADE

LIDOS PELO PROFESSOR DOUTOR ARNALDO SARAIVA

Espelho

Que rompam as águas:
é de um corpo que falo.

Nunca tive outra pátria,
nem outro espelho,
nem outra casa.

É de um rio que falo,
desta margem onde soam ainda,
leves,
umas sandálias de oiro e de ternura.

Aqui moram as palavras;
as mais antigas,
as mais recentes:
mãe, árvore,
adro, amigo.

Aqui conheci o desejo
mais sombrio,
mais luminoso,
a boca
onde nasce o sol,
onde nasce a lua.

E sempre um corpo,
sempre um rio;
corpos ou ecos de colunas,
rios ou súbitas janelas
sobre dunas;
corpos:
dóceis, doirados montes de feno;
rios:
frágeis, frias flores de cristal.

E tudo era água,
água,
desejo só
de um pequeno charco de luz.
De luz?
Que sabemos nós
dessas nuvens altas,
dessas agulhas
nuas
onde o silêncio se esconde?
Desses olhos redondos,
agudos de verão,
e tão azuis
como se fossem beijos?

Um corpo amei,
um corpo, um rio,
um pequeno tigre de inocência,
com lágrimas
esquecidas nos ombros,
gritos
adormecidos nas pernas,
com extensas,
arrefecidas
primaveras nas mãos.

Quem não amou
assim? Quem não amou?

Quem?
Quem não amou
está morto.

Piedade,
também eu sou mortal.
Piedade
por um lenço de linho
debruado de feroz melancolia,
por uma haste de espinheiro
atirada contra o muro,
por uma voz que tropeça
e não alcança os ramos.

De um corpo falei:
que rompam as águas.

Herança

É a minha herança: o sorriso,
o azul de uma pedra branca.
Posso juntar-lhe, ao acaso da memória,
um ramo de madressilva inclinado
para as abelhas que metodicamente fazem
do outono o lugar preferido do verão,
um melro que deixou o jardim público
para fazer ninho num poema meu,
um barco chamado Cavalinho na Chuva
à espera de reparação no molhe da Foz.
Deve haver mais alguma coisa,
não serei tão pobre, cometemos sempre
a injustiça de não referir, por pudor,
coisas mais íntimas: um verso de Safo
traduzido por Quasímodo, a mão
que por instantes nos pousou no joelho
e logo voou para muito longe,
as cadências do coração
teimoso em repetir que não envelheceu.

Última canção

Se puderes ainda
ouve-me, rio de cristal, ave
matutina. Ouve-me,
luminoso fio tecido pela neve
esquivo e sempre adiado
aceno do paraíso.
Ouve-me, se puderes ainda,
devastador desejo,
fulvo animal de alegria.
Se não és alucinação
ou miragem ou quimera, ouve-me
ainda: vem agora
e não na hora da nossa morte
- dá-me a beber a própria sede.

DOUTORES PELA UNIVERSIDADE DO PORTO

1. MARECHAL JOSEPH JOFFRE,
pela Faculdade de Ciências em 6 de Abril de 1921
2. GENERAL ARMANDO DIAZ,
pela Faculdade de Ciências em 11 de Abril do 1921
3. GENERAL HONORIS SMITH DORRIEN,
pela Faculdade de Ciências em 11 de Abril de 1921
4. ALMIRANTE CARLOS VIEGAS GAGO COUTINHO,
pela Faculdade Técnica (actual Faculdade de Engenharia) em 24 de Outubro de 1922
5. CAPITÃO DE MAR E GUERRA ARTUR DE SACADURA CABRAL,
pela Faculdade Técnica (actual Faculdade de Engenharia) em 24 de Outubro de 1922
6. PROF. PAUL SABATIER,
pela Faculdade de Ciências em 21 de Junho 1923
7. PROF. RENÉ LERICHE,
pela Faculdade de Medicina em 18 de Fevereiro de 1932
8. PROF. CHARLES MAURAIN,
pela Faculdade de Ciências em 31 de Outubro de 1932
9. PROF. CONDE HENRI BEGOUEN,
pela Faculdade de Ciências em 31 de Outubro de 1932
10. ENGº. OCTÁVIO MANGABEIRA,
pela Faculdade de Engenharia em 8 de Maio de 1934
11. PROF. JOSÉ CASARES GIL,
pela Faculdade de Farmácia em 11 de Julho de 1942

12. P. ALPHONSE LUISIER,
pela Faculdade de Ciências em 16 de Janeiro de 1942
13. PROF. GREGORIO MARAÑON,
pela Faculdade de Medicina em 13 de Novembro de 1946
14. PROF. CARLOS JIMENEZ DÍAZ,
pela Faculdade de Medicina em 12 de Março de 1955
15. DR. JOSÉ DE MAGALHÃES PINTO,
pela Faculdade de Economia em 27 de Junho de 1968
16. EMBAIXADOR AUGUSTO DE CASTRO SAMPAIO CORTE-REAL,
pela Faculdade de Letras em 20 de Dezembro de 1969
17. ENG.º MANUEL COELHO MENDES DA ROCHA,
pela Faculdade de Engenharia em 30 de Março de 1970
18. DOUTOR ANTÓNIO AUGUSTO DE SOUSA AMORIM,
pela Faculdade de Economia em 14 de Outubro de 1975
19. PROF. MAURITIUS MERCANDIER,
pela Faculdade de Medicina em 21 de Novembro de 1979
20. PROF. ULRICH GEORG TRENDLENBURG,
pela Faculdade de Medicina em 21 de Outubro de 1982
21. PROF. JEAN DELUMEAU,
pela Faculdade de Letras em 6 de Janeiro de 1984
22. DR. JOSÉ HENRIQUE DE AZEREDO PERDIGÃO,
pela Universidade do Porto em 4 de Abril de 1987
23. PROF. BREBIS BLEANEY,
pela Faculdade de Ciências em 4 de Abril de 1987
24. PROF. HENRY SKINNER,
pela Faculdade de Ciências em 4 de Abril de 1987
25. DR. VICTOR ANTÓNIO AUGUSTO NUNES DE SÁ MACHADO,
pela Faculdade de Medicina em 15 de Julho de 1987
26. PROF. BORIS ALPERN,
pela Faculdade de Ciências em 28 de Outubro de 1987
27. MANOEL DE OLIVEIRA,
pela Faculdade de Arquitectura em 26 de Junho de 1989
28. DR. MÁRIO ALBERTO NOBRE LOPES SOARES,
pela Faculdade de Letras em 19 de Junho de 1990

29. DR. ANTÓNIO BARROS MACHADO,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar em 11 de Julho de 1990
30. PROF. JEAN HAMBURGER,
pela Faculdade de Medicina em 21 de Dezembro de 1990
31. ENG. JÚLIO FERRY BORGES,
pela Faculdade de Engenharia em 21 de Maio de 1991
32. PROF. EUGÈNE BRAUNWALD,
pela Faculdade de Medicina em 8 de Maio de 1993
33. PROF. NEAL BRICKER,
pela Faculdade de Medicina em 7 de Junho de 1993
34. PROF. THOMAS STARZI,
pela Faculdade de Medicina em 23 de Janeiro de 1995
35. PROF. HENRI BISMUTH,
pela Faculdade de Medicina em 23 de Janeiro de 1995
36. DR. FERNANDO HENRIQUE CARDOSO,
pela Faculdade de Economia em 22 de Julho de 1995
37. PROF. JAMES MCGILL BUCHANAN,
pela Faculdade de Economia em 4 de Dezembro de 1995
38. PROF^a. MARIA DE LURDES BELCHIOR,
pela Faculdade de Letras em 5 de Maio de 1996
39. PROF. ARTHUR EDWARD BERGLES,
pela Faculdade de Engenharia em 19 de Outubro de 1998
40. PROF. DAVID ROGER JONES OWEN,
pela Faculdade de Engenharia em 19 de Outubro de 1998
41. PROF. JACQUES DELORS,
pela Faculdade de Economia em 10 de Março de 1999
42. PROF^a. MARIE-LOUISE BASTIN,
pela Faculdade de Letras em 28 de Junho de 1999
43. PROF^a. JACQUELINE HAMESSE,
pela Faculdade de Letras em 9 de Julho de 1999
44. PROF. LEONARD BOYLE,
pela Faculdade de Letras em 9 de Julho de 1999
45. XANANA GUSMÃO,
pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000

46. D. XIMENES BELO,
pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000
47. DR. JOSÉ RAMOS-HORTA,
pela Faculdade de Letras em 31 de Outubro de 2000
48. DR. JOÃO HAVELANGE,
pela Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física em 1 de Fevereiro de 2001
49. PROF^a. DOUTORA SUZANNE DAVEAU,
pela Faculdade de Letras em 25 de Maio de 2001
50. PROF. DOUTOR JOSÉ MANUEL PEREIRA DE OLIVEIRA,
pela Faculdade de Letras em 25 de Maio de 2001
51. PROF. JESÚS PRIETO,
pela Faculdade de Medicina em 29 de Outubro de 2001
52. PROF. MICHEL CREMER,
pela Faculdade de Medicina em 29 de Outubro de 2001
53. PROF. DOUTOR JOÃO PEDRO PULIDO VALENTE MONJARDINO,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar em 15 de Outubro de 2002
54. PROF. DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ CORTESÃO PAIS LIMA DE FARIA,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar em 15 de Outubro de 2002
55. PROF. DOUTOR FERNANDO HENRIQUE LOPES DA SILVA,
pelo Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar em 15 de Outubro de 2002
56. PROF. DOUTOR VITTORIO GREGOTTI,
pela Faculdade de Arquitectura em 22 de Janeiro de 2003
57. ARQ. NUNO TEOTÓNIO PEREIRA,
pela Faculdade de Arquitectura em 22 de Janeiro de 2003
58. PROF. DOUTOR SYDNEY BRENNER,
pela Universidade do Porto em 30 de Abril de 2003
59. PROF. DOUTOR ALFREDO GOMES DE FARIA JUNIOR,
pela Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física em 27 de Setembro de 2004
60. PROFESSOR HERMANFRID SCHUBART,
pela Faculdade de Letras em 28 de Janeiro de 2005



FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

